

Aviso ao leitor

A capa original deste livro foi substituída por esta nova versão. Alertamos para o fato de que o conteúdo é o mesmo e que esta nova versão da capa decorre da alteração da razão social desta editora e da atualização da linha de *design* da nossa já consagrada qualidade editorial.

grupo **a**
Conhecimento que transforma.



F361i Fernández, Alicia
A inteligência aprisionada / Alicia Fernández ; tradução
Iara Rodrigues. – Porto Alegre : Artmed, 1991.
261 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-7307-701-8

CDU: 37.01382

Índices para o catálogo sistemático:

Pedagogia terapêutica	37.013.82
Pedagogia da aprendizagem	159.953.5

Ficha catalográfica por Carla P. de M. Pires – CRB 10/753

Sobre a teoria psicopedagógica

Conceitos

Embora as questões que vou enunciar mereçam uma análise detalhada, pretendo sintetizar em 6 módulos alguns conceitos básicos para o diagnóstico do problema de aprendizagem.

Tradicionalmente, de acordo com uma visão racionalista e dualista do ser humano, considerou-se a aprendizagem exclusivamente como um processo consciente e produto da inteligência, deixando o corpo e os afetos fora; mas, se houve humanos que aprenderam, é porque não fizeram caso de tal teoria e “fugiram” dos métodos educativos sistematizados. Necessariamente na aprendizagem entram em jogo, numa maneira individual de relação, pelo menos quatro níveis, aportados pelo *ensinante* e pelo *aprendente* em um processo vincular.

Para aprender, necessitam-se dois personagens (*ensinante e aprendente*) e um vínculo que se estabelece entre ambos.

Como se aprende

O ser humano para aprender deve pôr em jogo:

- seu organismo individual herdado,
- seu corpo construído especularmente,
- sua inteligência autoconstruída interacionalmente e

– a arquitetura do desejo, (desejo que é sempre desejo do desejo de Outro.)

O aprender transcorre no seio de um vínculo humano cuja matriz toma forma nos primeiros vínculos mãe-pai-filho-irmão, pois a prematuridade humana impõe a outro semelhante adulto para que a criança, aprendendo e crescendo, possa viver.

A aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica é sua raiz corporal; seu desdobramento criativo põe-se em jogo por meio da articulação inteligência-desejo e do equilíbrio assimilação-acomodação. No humano, a aprendizagem funciona como equivalente funcional do instinto. Para dar conta das fraturas no aprender, necessitamos atender aos processos (à dinâmica, ao movimento, às tendências) e não aos resultados ou rendimentos (sejam escolares ou psicométricos).

Somente observando como aprende, como joga a criança, e, em seguida, qual é a originalidade de seu fracasso (a partir do qual se diferencia como sujeito), estaremos no caminho de elucidar por que ela não aprende.

O fracasso no aprender

O problema de aprendizagem que apresenta, sofre, estrutura um sujeito, se situa, entrelaça, sintomatiza e surge na trama vincular de seu grupo familiar, sendo, às vezes, mantido pela instituição educativa.

A criança pode não aprender, assumindo o medo de conhecer e de saber da família, ou respondendo à marginalização socioeducativa.

Mas o que sucede na estrutura individual desse sujeito para que seja ele e não outro membro da família que se ofereça como vítima?

A resposta a esta interrogação encontra-se na relação particular entre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo desse sujeito, transversalizados por uma particular situação vincular e social.

Articulação família-sintoma

Concebemos a criança como uma parte de um todo, que tem sentido para esse todo que seria a família; trata-se “...de um sistema incluído em outro”. Falamos de relação, “falamos de articulação instância-estrutura, damos ênfase à emergência sintomática que, em sua maneira peculiar de ligar ou

de comprometer mutuamente os atores, encontra sua função no drama”.¹ Se observarmos a criança que não aprende somente como uma consequência, poderemos nos dar conta da enfermidade em caráter de sinal, enquanto que ao observá-la como sintoma, aparece o significado.

Se pensássemos no problema de aprendizagem como derivado só do organismo, ou só da inteligência, para seu diagnóstico e cura não haveria necessidade de recorrer à família. Se, ao contrário, as patologias no aprender surgissem na criança ou adolescente somente a partir de sua função equilibradora do sistema familiar, não necessitaríamos, para seu diagnóstico e cura, recorrer ao sujeito separadamente de sua família. Ao considerá-lo como resultante da articulação construtiva do organismo, o corpo, a inteligência e a estrutura do desejo no indivíduo incluído em um grupo familiar no qual seu sintoma tem sentido e funcionalidade, e em um sistema educacional que também o condiciona e significa, não podemos diagnosticar e desnudar o sintoma, prescindir do grupo familiar nem da instituição educativa, mas tampouco podemos sufocar a originalidade e autonomia do sujeito (criança ou adolescente), privando-o de um espaço pessoal que lhe permita recortar-se - diferenciar-se, e a nós ajude a observar o possível *atrape* da inteligência e a corporeidade.

Carências socioeconômicas

Podemos diferenciar as características de apresentação do problema de aprendizagem conforme em sua etiologia predominem: a) os fatores internos ao grupo familiar e ao paciente (“problema de aprendizagem-sintoma”) ou b) fatores de ordem educativa, relacionados com uma instituição educativa que rechace ou desconheça a capacidade intelectual e lúdica, a corporeidade, a criatividade, a linguagem e a liberdade do *aprendente* (“problema de aprendizagem-reativo”).

Aos efeitos da análise não podemos diferenciar da mesma maneira os fatores vinculados à carência econômica. Talvez porque estes se manifestem na aprendizagem, utilizando a instituição educativa a partir de uma instrumentação ideológica daninha, talvez pela faixa de idade que atendemos majoritariamente nesta experiência psicopedagógica (5 a 15 anos – idade escolar); talvez porque não tenhamos sabido ainda avançar além da colocação de “oligotimia social”. Oligotimia que é capacidade de aprender e pensar, maciçamente *atrapada* por desejo de outras ordens, e oligotimia social que não poderíamos fazer corresponder com nenhuma classe social em particu-

¹ S. Paín, *Diagnóstico y tratamiento de los problemas de aprendizaje*, cit.

lar. Nós, os argentinos, temos muitos trágicos exemplos desta patologia, que em algumas épocas adquiriu o caráter de epidemia.

Vimo-nos obrigados a lutar, em muitas ocasiões, com uma atitude (instalada em nós mesmos) que, crendo ser bem-intencionada, acabava impedindo a possibilidade de cura e se aliava com o que queríamos combater. Refiro-me à tendência a considerar que, porque um ser humano sofre sérias carências econômicas, esta situação tenha que ser a causa única de todos seus “dramas”. Como se lhe tirássemos também o direito a “ter” inconsciente, sintomas, símbolos e desejos!² Temos escutado famílias de diferentes classes sociais e não encontramos características diferenciais quanto ao tipo de *atrape* do aprender, que pudéssemos relacionar com a situação socioeconômica.

Existem experiências como a realizada pelo G.E.E.M.P.A. (Grupo de Estudos sobre Educação – Metodologia de Pesquisa e Ação) no Brasil. Um conjunto de docentes entusiastas e especialistas em educação, trabalhando em algumas zonas muito carentes do Rio Grande do Sul e São Paulo, consegue que a imensa maioria dos alunos que acorrem às suas escolas sigam com êxito o ensino sistematizado. Apoiando-se numa mudança ideológica dos educadores e da instituição (que inclui, segundo meu ponto de vista, a troca na metodologia como uma troca a mais), onde o docente fala a linguagem da criança, respeita suas aprendizagens (inclusive as inerentes à sua marginalização e exploração), tanto o *aprendente* quanto o *ensinante* têm um espaço de liberdade para criar, mais de 90% destas crianças e adolescentes chegaram à alfabetização.

Tive, por outro lado, a oportunidade de escutar, a partir dos psicopedagogos que os atendem, a pequena percentagem dos que fracassam (alguns deles por apresentar problemas de aprendizagem-sintoma) e a trama do discurso e seu drama é similar em sua arquitetura à que escuto na criança-problema de aprendizagem-sintoma do bairro mais elegante de Buenos Aires: o esconder, o secreto, as dificuldades de apropriação, o ocultar, o conhecer representado perigosamente e *atrapado* por desejos de ordem inconsciente.

Função da aprendizagem e aprendizagem como função

Encaramos a aprendizagem como um processo e uma função, que vai além da aprendizagem escolar e que não se circunscreve exclusivamente à

² Diz Haydée Echeverría: “Contrariamente ao que se poderia pensar, os meios mais desfavorecidos economicamente não são sempre os mais ‘pobres’ em estímulos. Ao contrário, classes economicamente altas, que oferecem hiperestimulação de objetos de consumo, não são constitutivamente favoráveis aos sujeitos”.

criança. Fazendo uma simplificação, uma abstração do processo de aprendizagem, encontramos-nos ante uma cena em que há dois lugares: um onde está o sujeito que aprende e outro onde colocamos o personagem que ensina. Um polo onde está o portador do conhecimento e outro polo que é o lugar onde alguém vai tornar-se um sujeito. Quer dizer que não é sujeito antes da aprendizagem, mas que vai chegar a ser sujeito porque aprende.

Quando nasce, o bebê é um feixe de possibilidades, de ferramentas que são capazes de atrair, de captar o conhecimento que tem que ser transmitido e reconstruído nele. Sabemos que o homem é um ser histórico, que cada geração acumula conhecimentos sobre a anterior, e o humano vai se tornar humano porque aprende.

A reprodução do ser humano não termina no suporte orgânico. No homem, os comportamentos não vêm inscritos geneticamente, mas só a possibilidade de adquiri-los. O modo de criar um filho, de comer, de falar, não se herda, se aprende. As constantes da espécie estão garantidas, então, pela presença de estruturas gerais de elaboração cognitiva e semiótica, preparadas para possibilitar a integração do sujeito à cultura.

Enquanto que, no animal, a semelhança de um membro da espécie com seu progenitor está garantida por uma codificação genética, no homem esta continuidade, esta semelhança, está garantida pela aprendizagem. Segundo este critério, a aprendizagem pertence à esfera da reprodução, colocando-se junto com a sexualidade como o equivalente funcional (humano) do instinto (no animal).

Estas ideias são desenvolvidas por Sara Paín em seus livros *Estructuras inconscientes del pensamiento* e *La génesis del inconsciente**, onde define a aprendizagem como o processo que permite a transmissão do conhecimento de um outro que sabe (um outro do conhecimento) a um sujeito que vai chegar a ser sujeito, exatamente pela aprendizagem.

Como se transmite o conhecimento

O conhecimento não pode ser transmitido diretamente em bloco. O *ensinante* transmite-o através de uma *enseña***. Necessita-se de um modelo, de um emblema do conhecimento. Escolhe-se uma situação, se faz um recorte, se

* *Nota do Revisor*: Estes livros encontram-se traduzidos para o português por esta editora.

** *Nota do Revisor*. Em espanhol, o radical "ensen" é o mesmo para a palavra ensinar e para a palavra insignia (emblema, bandeira), podendo assim ser realizado um jogo de palavras. Manteremos desta forma a palavra no original.

transmite conhecimento e também ignorância. Além do mais, não se transmite, em verdade, conhecimento, mas sinais desse conhecimento para que o sujeito possa, transformando-os, reproduzi-lo. O conhecimento é conhecimento do outro, porque o outro o possui³, mas também porque é preciso conhecer o outro, quer dizer, pô-lo no lugar do professor (que podem ser os pais ou outras instâncias que vão ensinar) e conhecê-lo como tal. Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar.

No outro polo, o *aprendente* possui uma série de estruturas que lhe permitem converter a *enseña* em conhecimento. Por exemplo, quando um pai diz a seu filho: “não toques”, ou “não saia”, está lhe apresentando um paradigma. O menino possui uma estrutura habilitada para captar o imperativo negativo e vai logo poder aplicar o imperativo negativo a qualquer tipo de verbo. Somente com alguns exemplos dados em um contexto, a criança poderá reproduzi-los mediante uma mecânica generativa.

O ser humano pode transformar a *enseña* em conhecimento. Esta, por sua vez, é construída pelo *ensinante* por meio de quatro níveis de elaboração (orgânico, corporal, intelectual e semiótico ou desejanter).

Vou deter-me nos próximos capítulos nestes quatro níveis que intervêm para que um ser humano possa aprender, para que a partir daí possamos entender quais são os fatores que incidem para produzir uma alteração na aprendizagem.

Situamos o *aprendente*, necessariamente, em uma cena vincular que, primária e paradigmaticamente se dá no grupo familiar, em nossa cultura. Para efeito da análise, recortamos dessa estrutura vincular ao *aprendente*, descobrindo que nele intervêm quatro estruturas, quatro níveis constitutivos de um sujeito que, por sua vez, se constrói ou se instala por uma inter-relação constante e permanente com o meio familiar e social. A aprendizagem é, então, uma das funções para a qual estes níveis podem se inter-relacionar com o exterior e, por sua vez, conformar-se, a si mesmos, em um processo dialético.

